



Galeota D. João VI

Relíquia Museológica e Testemunha da História

Mais que uma embarcação, o registro de uma época. Essa é a Galeota D. João VI, bem de valor inestimável, que, por sua importância arquitetônica, histórica e cultural, foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro (INEPAC), em 31 de março de 1978.

Ela foi construída no antigo Arsenal da Marinha da Bahia para servir de transporte à Família Real portuguesa, por ocasião de sua transmigração para o Brasil Colônia, em 1808. No dia 23 de dezembro de 1817, após a finalização de sua construção, foi rebocada da Bahia para o Rio de Janeiro, sendo então presenteada ao monarca português D. João VI em 1818,¹ ano de sua coroação como rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

Durante todo o século XIX e início do XX, a Galeota D. João VI pôde ser vista cruzando a Baía de Guanabara transportando personagens ilustres, como o próprio rei que a batiza e que nela embarcou pela última vez para chegar ao navio que o conduziria de volta a Portugal, em 1821.² Em 27 de abril de 1889, transportou o Conde D'Eu, marido da princesa Isabel, e sua comitiva até a Ilha Fiscal para a inauguração de seu palacete neogótico.³ Em 1920, transportou o rei Alberto I, da Bélgica, e sua esposa, a rainha Elisabeth, durante o desembarque do casal real em visita oficial ao Brasil.

As dimensões principais da galeota são: 24 metros de comprimento total; 3,6 metros de boca (isto é, sua maior largura); 1,25 metro de pontal (que vem a ser a altura da quilha à borda) e 90 centímetros de calado (a altura da quilha à linha d'água). A embarcação contava, a princípio, com 22 remos, 11 de cada lado, guarnecidos por 44 remadores, 2 por remo, além de um proeiro para realizar sua atracação e desatracação no cais. Os remadores ficavam expostos ao tempo, mas os passageiros eram transportados num camarim coberto e luxuosamente decorado, localizado na popa. Mais tarde, aumentou-se a quantidade de remos para 30, ampliando, assim, sua tripulação para 60 remadores.

A Galeota D. João VI passou por processos de restauração em 1899, 1961, entre 1995 e 1996, e em 2008,⁴ sendo considerada um dos bens mais relevantes do acervo da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM). Desde janeiro de 1996, com a inauguração do Espaço Cultural da Marinha e de seu circuito expositivo, a galeota figura como uma das principais peças disponíveis para a visitação pública.

Somente em 2014, ela saiu de exposição, em virtude do fechamento do pavilhão expositivo do Espaço Cultural para reformas estruturais no molhe centenário sobre o qual está construído.

Finalmente, em janeiro de 2023, a Galeota D. João VI — a mais antiga embarcação preservada no Brasil e única desse tipo na América do Sul — foi transportada para o seu novo “lar” na Ilha Fiscal. Sua nova exposição, na área externa da ilha ao lado do palacete principal, foi inaugurada no primeiro semestre de 2023.

¹ SARTHOU, Carlos. *Relíquias da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Olímpica Editora, 1961.

² SCARVARDA, Levy. “O Galeão D. João VI (No sesquicentenário de sua chegada ao Rio de Janeiro).” *Revista Marítima Brasileira*, v. 88, n. 4-6, abr-jun, 1968.

³ FERNANDES, Maria Augusta Evangelista. “A Ilha Fiscal.” *Revista Marítima Brasileira*, v. 132, n. 10-12, out-dez, 2012.

⁴ COELHO, D. “Conservação e restauro de um objecto histórico: a Galeota Real de D. João VI”. *Estudos de Conservação e Restauro*, n. 1, jan, 2009.